

LITERATURA E CIDADE

A ficção desenvolve o “espaço” como categoria fundamental da ação, ao lado de outras como “tempo” e “pessoa”. Neste espaço, os interesses transitam. As tramas são operadas espacialmente em função de uma ação preconcebida e agenciada por “personas” que se movem. Não ocasionalmente estes espaços são apenas fictícios, mas se decalcam no real percebido de uma cidade. O Rio de Janeiro de Machado de Assis é, em alguns de seus romances e crônicas, o Rio de Janeiro histórico, agindo na consciência do leitor como um espaço com sua própria trama e suas próprias referências, compondo um quadro de enunciação bastante produtivo. O mundo ficcional mesclase, então, com o espaço geográfico como se quisesse reivindicar um estatuto único de realidade para a ficção e para a vida. Estas marcas de “autenticidade” da ficção pela via da localização espacial da cidade também se estabelecem no Rio de Janeiro pelas letras de autores tais como Lima Barreto, João do Rio, João Antônio, Álvares de Azevedo, Manuel Bandeira, bem como pelas letras de outros autores tanto clássicos quanto contemporâneos. Concebemos a cidade como uma síntese de um quadro geral de lugares de enunciação, noção que desenvolvemos no grupo de pesquisa CAC-Comunicação, Arte e Cidade (CNPq), que agora trazemos para a Revista Contemporânea.

Durante o X Congresso Internacional da ABRALIC, realizado na UERJ em agosto de 2006, propusemos um Simpósio intitulado “Letras da metrópole: a literatura e as representações sócio-espaciais da cidade”, no qual pretendemos reunir trabalhos concluídos que relacionassem a ficção com a cidade. Nesta seção, os pesquisadores do CAC e o editor da Revista Contemporânea relacionam seis trabalhos para compor um dossiê que possa proporcionar uma idéia de como o local aparece como representação no trabalho ficcional advinda da percepção do escritor de forma produtiva e sensivelmente captada. Entendemos que, quando um autor decide nomear objetivamente a cidade, quer com isso trazer para a criação ficcional tanto as idiosincrasias espaciais específicas do lugar quanto as marcas pessoais do tipo característico de quem por lá transita. O enunciado ganha assim marcas precisas da enunciação espacial: a cidade.

No texto de Rafael Fava, concebemos o mérito da divisão que Álvares de Azevedo estabelece, em um poema, entre o espaço natural e o urbano, e como este último cria um obstáculo incontornável, flagrado na distância que separa o elegante Catete, onde mora sua amada, do longínquo Catumbi, onde o herói-narrador vive. Em seguida, temos Ana Maria Esteves mapeando a “candangagem” despencada em Copacabana na obra ficcional de João Antônio, compondo o quadro caótico contemporâneo das representações urbanas em um bairro populoso e heterogêneo. Ieda Magri recupera João Antônio e enfoca a malandragem e suas “variantes semânticas” pela argúcia da observação do próprio João Antônio, praticante que foi, ele mesmo, da cidade, especialmente de Copacabana. Clara Asperti privilegia a crônica como gênero que mais visivelmente usou a cidade como referência e como campo onde personalidades reais cruzavam com outras ficcionais nos domínios do jornal diário. Sérgio Arruda, por sua vez, vê a cidade como um espaço de enunciação e privilegia as condições particulares com as quais o escritor se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época. Enfim, Nízia Villaça enfoca a ficção contemporânea para aí entrever o excessivo acesso à informação e a produção hoje de uma literatura minimalista e fragmentária.

A presente edição de Contemporânea traz ainda artigos de áreas relacionadas com a comunicação e a cultura, uma crítica a evento e duas resenhas. Esperamos contribuir com essa edição para discussão em torno da comunicação e seus fenômenos e abrir espaço para apresentação de resultados de pesquisa.